

WILLIAM ELSDEN – IMPORTÂNCIA DOS SEUS “RISCOS DAS
OBRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA”. ELEMENTOS
INÉDITOS SOBRE A SUA VIDA E ACTIVIDADE

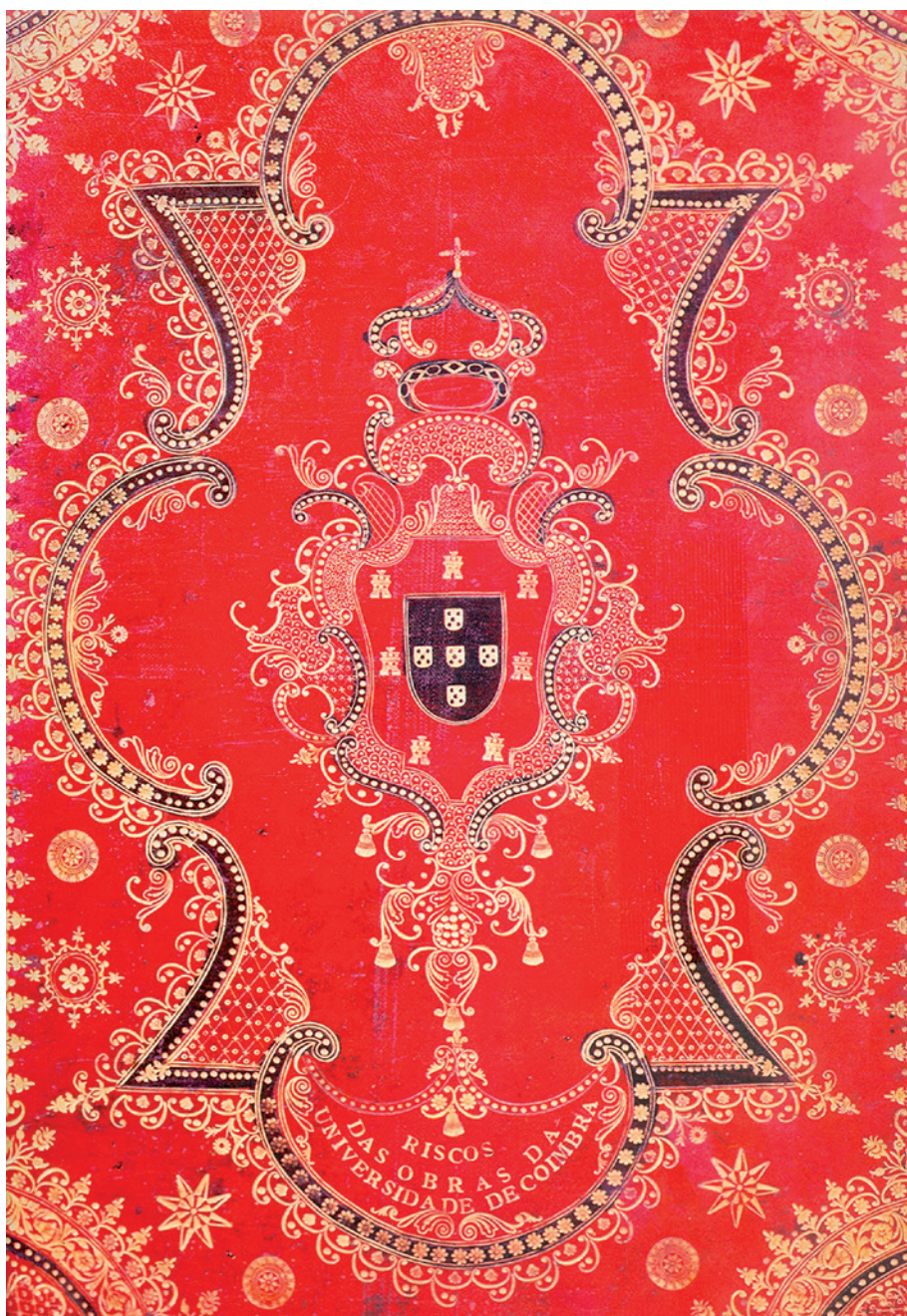
Matilde Sousa Franco
Sócia da Academia Portuguesa da História
e da Academia Nacional de Belas-Artes

1. Elsden e Coimbra Património Mundial da Humanidade

Foram fundamentais na valorização da Universidade de Coimbra, aquando da Reforma Pombalina, as intervenções arquitectónicas e artísticas de William Elsden, assim com o foram na sua defesa, aquando do reinado de D. Maria I, desenhos que fez para essas obras. Estes desenhos foram então compilados no “mais opulento” (Pimentel 279) e “sumptuoso álbum” (286), intitulado “Riscos das Obras da Universidade de Coimbra”, com manuscrito de D. Francisco de Lemos, que integralmente revelei em 1982¹ e publiquei em 1983, em fac-simile, com memória servindo de introdução (Franco, “Riscos das Obras”).²

¹ Matilde Sousa Franco, “Riscos das Obras da Universidade de Coimbra – o valioso álbum da Reforma Pombalina”. Estudo servindo de introdução à edição fac-similada “Estabelecimentos fundados na Universidade de Coimbra por Ordem de S. Mag.^e que Deos tem, para as Observações, Experiencias, e Demonstrações das Sciencias Naturaes e Para a Tipographia Academica; Restabelecimento do Collegio das Artes; e concertos, reparos, e comunicação interior dos Paços Reaes das Escolas”, manuscrito datado “Lisboa, o 1.º de Setembro de 1777”, assinado por Francisco Bispo Reformador Reitor (D. Francisco de Lemos), e acompanhado por trinta desenhos dessas obras, quase todos assinados por Elsden. Edição do Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, 1983. Na página 4, nota 6, registei que revelei este volume em 1981, e em 1982 mostrei-o integralmente ao público, com a apresentação das fotografias das plantas que publiquei em 1983.

² V. Figura em anexo com reprodução de parte da bela encadernação da capa em



Parte da Capa Original de "Riscos da Obras da Universidade de Coimbra"

A qualidade da direcção de Elsdén nessas obras (de 1772 a 1779), apesar de hoje naturalmente haver diferentes conceitos de reutilização de património cultural, foi importante na classificação da Universidade de Coimbra como Património Mundial da Humanidade, feita pela UNESCO em 2013 e com imediatos e esperados benefícios para a “Lusa Atenas”. Permita-se-me que anote que esta classificação foi o culminar de um processo de pedido de classificação, o primeiro em Portugal, que fiz em 17 de Março de 1982, integrado no Programa “Coimbra Antiga e a Vivificação dos Centros Históricos”, promovido pelo Museu Nacional de Machado de Castro em 1981/1983 (Franco, “O Programa” 10-11; *Quatro Anos na Direcção* 63), instituição de que então eu era directora.

2. Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra. O Bispo Reformador Reitor D. Francisco de Lemos

A Reforma Pombalina da Universidade iniciou-se, de facto, no Verão de 1772, mas teve antes, e durante décadas, contributos de, por exemplo, Luís António Verney, António Ribeiro Sanches, Jacob de Castro Sarmiento, D. Luís da Cunha.

Em 1771, a apresentação a D. José I, pela Junta da Providência Literária, do “Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra” abria o caminho para a sua “Nova Fundação”, com profundas alterações. No dizer de António Filipe Pimentel: “A drástica intervenção tinha por finalidade construir, sobre a antiga malha corporativa de imunidades e privilégios imemoriais, uma instituição de ensino moderna e esclarecida, desde logo mas, principalmente, submissa administrativa e pedagogicamente à estratégia de Estado superiormente determinada. Uma Universidade Real, na hábil designação oportunamente formulada” (265).

Em 28 de Agosto de 1772, o rei assina a “Carta de Roboração” dos novos Estatutos e ordena a deslocação do Marquês de Pombal a Coimbra, com a finalidade de os fazer publicar. Em 11 de Setembro, o rei concede a D. Francisco de Lemos o “cargo de Reformador da Universidade, para servir igualmente com o de Reitor por tempo de três anos, cargo em que o marquês o viria a empossar aquando da sua estada na cidade mondeguinta”,

chagrin vermelho, integralmente trabalhada a ferros dourados em estilo *rocaille*, com brasão de armas reais ao centro.

como escreve Regina Anacleto (“Universidade de Coimbra” 1).³

Para ajudar o leitor menos conhecedor da Reforma Pombalina universitária, já em 1983 tive a preocupação de dar alguns elementos (Franco, “Riscos das Obras”), agora acrescidos.

D. Francisco de Lemos, de seu nome completo Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, nasceu no Brasil em 5 de Abril de 1735 e doutorou-se em Cânones na Universidade de Coimbra, em 1754. Homem culto e aderente ao espírito do Iluminismo, foi dos principais elementos da Junta da Providência Literária que reformou a Universidade e o melhor colaborador do Marquês de Pombal nessa reforma. Teve, entre outros cargos, o de deputado do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa e seu distrito, deputado ordinário do Tribunal da Real Mesa Censória para o exame e censura dos livros, desembargador da Casa Suplicação, vigário capitular da diocese de Coimbra (depois da saída do Bispo D. Miguel da Anunciação para a prisão, em 1768), Reitor da Universidade, pela primeira vez em 1770 e até 1779 e desde 1772 também Reformador-Visitador da Universidade; foi Reitor pela segunda vez em 1799 e até 1821, quando se demitiu.

Por carta régia de 28-IX-1773 foi apresentado como co-adjutor e futuro sucessor do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação, tendo sido confirmado por Clemente XIV, em 13-IV-1774, com o título de Bispo de Zenópolis. Com a morte de D. Miguel da Anunciação, ascendeu, em Outubro de 1779, a Bispo titular de Coimbra, tendo então deixado o cargo de reitor. É natural que residisse no Paço Episcopal (no edifício onde, desde 1911, se instalou o Museu Nacional de Machado de Castro) desde 1773, exceptuando o período em que esteve suspenso, de Agosto de 1777 a Outubro de 1779, e aí faleceu, em 16 de Abril de 1822.

O Marquês de Pombal deslocou-se a Coimbra na situação de “Lugar-Tenente del-Rei com jurisdição exclusiva e ilimitada”, tendo permanecido mais de um mês (de 22 de Setembro a 24 de Outubro de 1772), alojado no Paço Episcopal, e esta visita “pelo brilho de que se revestiu bem pôde considerar-se de régia” (Serrão 74). Nas palavras de Mário Brandão e Manuel Lopes de Almeida: “Ficava, pois, não só autorizada a nova reforma da Universidade mas também revestida de suma dignidade” (97).

³ Reconhecidamente, agradeço à Prof.^a Doutora Regina Anacleto os elementos que agora me deu.

3. Os Novos Estabelecimentos Universitários

Os novos estabelecimentos universitários estão descritos no texto do referido álbum que revelei em 1981, publiquei em 1983 e cujo título é “Riscos das Obras da Universidade de Coimbra”. D. Francisco de Lemos intitulou o seu texto aí contido “Estabelecimentos fundados na Universidade de Coimbra por Ordem de S. Mag.^e que Deos tem, para as Observações, Experiencias, e Demonstrações das Sciencias Naturaes e para a Tipographia Academica; Restabelecimento do Collegio das Artes; e concertos, reparos e comunicação interior dos Paços Reaes das Escolas” (Franco, “Riscos das Obras”)⁴, o qual é datado do 1.º de Setembro de 1777, ilustrado com desenhos de Elsdén, e penso ter sido um importante manuscrito persuasor junto da rainha D. Maria I na defesa da reforma da Universidade de Coimbra, conforme adiante explicarei.

Um outro manuscrito (Braga), maior e sem ilustrações, sendo ambos datados de Setembro de 1777, foi revelado cerca de noventa anos antes, em 1894, por Teófilo Braga, na Academia das Ciências de Lisboa. Trata-se do texto de D. Francisco de Lemos “Relação Geral do estado da Universidade de Coimbra, desde o princípio da Nova Reformação até ao Mez de Setembro de 1777, para ser presente à Rainha Nossa Senhora pelo seu Ministro e Secretario de Estado da Repartição dos Negocios do Reyno, o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Visconde de Villa Nova da Cerveira, dado pelo Bispo de Zenopole Coadjutor e futuro Successor do Bispado de Coimbra, e actual Reformador e Reytor da mesma Universidade”.

Em 1772, procurava-se reformar (Trindade 52-57; Berkeley e Lowndes; Craveiro, “Guilherme Elsdén” 503-519; Anacleto, “O Arquitecto José do Couto em Terras” 651-661), principalmente, as faculdades de Matemática, de Filosofia e de Medicina, com edificios em cinco locais da Alta de Coimbra: a) Antigos Colégios da Companhia de Jesus, incorporados na Coroa após a expulsão dos Jesuítas em 1759, para aí se instalarem o Hospital, o Teatro Anatómico, o Dispensatório Farmacêutico, ligados à Faculdade Médica; o Laboratório Químico, os Gabinetes de Física Experimental e de História Natural, ligados à Faculdade Filosófica. No final de 1775, estas obras estariam quase concluídas; b) No centro nevrálgico da Universidade: abertura de uma segunda livraria e remodelação dos Gerais; c) Na área

⁴ Vide nota 1.

do castelo, sensivelmente ao cimo da Couraça de Lisboa, implantação do Observatório Astronómico (novo estabelecimento da Faculdade de Matemática), o qual em 1777 só tinha construído o 1.º piso, e a obra não teve continuidade; d) Imprensa Académica, no claustro da Sé Velha; e) Jardim Botânico, em parte da cerca do Colégio de S. Bento. O ensino da Botânica e a própria Medicina necessitavam dum espaço experimental, que conjuntamente com o Observatório, o Museu de História Natural, o Gabinete de Física e o Laboratório Químico constituíssem o “Theatro da Natureza” a que se referia D. Francisco de Lemos em carta dirigida ao Marquês de Pombal em 1772. Projectou-se um Jardim Botânico delineado com grandeza, a qual foi criticada por Pombal, por ofício de 5 de Outubro de 1773, mandando refazer o plano e especificando que pretende um “Jardim de Estudo de rapazes, e não de ostentação de Príncipes, ou de particulares” (Franco, “Riscos das Obras” 6).

4. Sé Nova. Paço Episcopal (Edifício do Museu Nacional de Machado de Castro) com Azulejos Inspirados em Desenhos de Elsdén

A Igreja do Colégio dos Jesuítas, e parte do edifício anexo, foi entregue ao Cabido da Sé. Em 1772, a sede catedralícia foi transferida do templo românico, que então se passou a chamar Sé Velha, para a igreja jesuítica, desde então designada por Sé Nova.

É interessante referir que, dos 30 desenhos contidos no álbum “Riscos da Obras ...”, o Marquês de Pombal apenas assinou o da “Elevação Geométrica do Cabido da Sé”, o qual está datado de 1773 e assinado por William Elsdén, que fez questão de aí se identificar como Tenente-coronel e Director das Obras da Universidade de Coimbra.

É também interessante mencionar que este é um dos seis desenhos desse álbum que vão inspirar os seis notáveis painéis maiores de azulejos únicos feitos para o Paço Episcopal e de fabrico conimbricense.

Dentro do surto industrial pombalino, D. Francisco de Lemos criou em Coimbra uma fábrica (Franco, “Riscos das Obras” 6) que produziu telhas, tijolos e azulejos, mas que é conhecida apenas por “Nova Fábrica de Telha Vidrada”, Fábrica da Rua João Cabreira, Fábrica de Telhas ou das Telhas. Em 15 de Julho de 1773, o Marquês de Pombal escreveu ao Bispo Reformador Reitor elogiando-o pela nova fábrica, útil para as obras reais e as dos particulares.

A fábrica terá encerrado em 1789, e são do seu fabrico

designadamente os mencionados azulejos que reproduzem desenhos de Elsdén.

Em 1981, na conferência que intitulei “Da Cerâmica Coimbra – uns Notáveis Azulejos do Museu Nacional de Machado de Castro” (Franco 53-60) chamei a atenção para a sala⁵ onde estavam colocados nas paredes “nove painéis de azulejos, seis dos quais directamente inspirados nos desenhos de William Elsdén para os edifícios da Reforma Pombalina, contidos no álbum “Riscos das Obras da Universidade Coimbra ...”.

Estes seis painéis maiores de azulejos são inspirados nos seguintes desenhos de William Elsdén (Franco, “Da Cerâmica Coimbra” 60), de que se indica a numeração contida no álbum “Riscos das Obras da Universidade Coimbra ...”.

Assim, a designada planta n.º IV do álbum representa a “Elevação Geométrica do Edifício destinado para as Ciências Naturaes – lado principal”. Este desenho é assinado por William Elsdén e Manuel de Sousa Ramos, Ajudante.

A planta n.º V representa o “Prospecto da obra nova do Museu, e edifício velho do Hospital na frente do lado septentrional” e é assinado, além de, evidentemente, pelo director das obras, pelo ajudante engenheiro Teodoro Marques Pereira da Silva.

A planta n.º VII intitula-se “Spaccato cortado pelo meio de todo o edifício, e olhando para a frente principal”, no desenho do qual Elsdén teve como ajudante Manuel de Sousa Ramos.

A planta n.º XI designa-se “Elevação Geométrica do Laboratório Chymico. Lado principal”, e nesta, Elsdén teve como ajudante Ricardo Franco de Almeida Serra.

⁵ A sala, no andar nobre, era há anos uma arrecadação quando, em 1980, tomei posse do lugar de directora do Museu Nacional de Machado de Castro. Em 1981 abri a sala ao público e várias vezes chamei a atenção para o valor desses azulejos, apesar de não estarem colocados na sala original, concordando com o defendido pelo Eng.º Santos Simões: “Seria muito de louvar que essa sala fosse reintegrada, dignificada e aberta ao público, com o elementar cuidado de não ofender ou ocultar os azulejos” (Simões 138). Defendi isto mesmo designadamente na mencionada conferência de 1981 (“Da Cerâmica Coimbra”) e em 1983 no texto “Riscos das Obras da Universidade...”, páginas 4 e 6. No entanto, entre Junho de 1984, quando consegui a transferência para directora do Palácio Nacional de Sintra, e 1986, quando Maria José Sampaio me sucedeu como directora do museu conimbricense, os painéis de azulejos foram todos arrancados das paredes, alguns deles montados autonomamente e a sala destinada a biblioteca. Alexandre Nobre Pais, António Pacheco, João Coroado (*Cerâmica de Coimbra. Do Século XVI-XX*) apenas referem a existência de quatro destes painéis de azulejos representando os edifícios pombalinos, inspirados nos desenhos de William Elsdén. Em Junho de 2014, contactei Ana Alcoforado, actual directora do Museu Nacional de Machado de Castro, a qual amavelmente me encaminhou para o conservador António Pacheco, que me informou faltarem os painéis de azulejos correspondentes às plantas/desenhos n.º V e n.º VII do álbum “Riscos das Obras”.

Na planta n.º XIX, feita com a ajuda de Teodoro Marques Pereira da Silva, representa-se a “Elevação Geométrica da frente principal do Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra”.

Finalmente, a planta n.º XXVIII, com a data de 1773, representa a Elevação Geométrica do Cabido da Sé.

Já no final do séc. XIX (Franco, “Da Cerâmica Coimbrã” 56-58) se reconhece grande valor a estes azulejos e, conforme escreve o articulista que julgo ser Teixeira de Carvalho: “Estes azulejos deviam ser conservados, em sítio bem evidente, em lugar de honra, mandava-o o interesse da historia, exigia-o o respeito que em toda a parte se tem pelos que em vida honraram o seu nome trabalhando em bem da pátria, em bem da sciencia”.

Penso que estes azulejos, baseados em “riscos” de Elsdén, foram mandados fazer por D. Francisco de Lemos para o seu Paço Episcopal (talvez em 1779, quando voltou a residir no Paço Episcopal) e evocam o inestimável contributo do Bispo Reformador Reitor, não só para a Reforma Pombalina da Universidade (de 1772 a 1777), mas também para a sua defesa e salvação após a morte do rei D. José e logo em 1777, como vamos agora analisar melhor.

5. Os Dois Volumes de Manuscritos de D. Francisco de Lemos que Salvaram a Universidade de Coimbra em 1777: “Relação Geral...” e “Riscos das Obras”, Ilustrado com 30 Desenhos de Elsdén ou Feitos sob a sua Direcção

O Rei D. José I morreu em 24 de Fevereiro de 1777. Três dias antes mandara que o Bispo D. Miguel da Anunciação fosse libertado do Forte da Junqueira, tendo a ordem sido executada logo no dia 25. A Rainha D. Maria I enviou, em 7 de Julho, ao ex-prisioneiro prelado de Coimbra uma carta congratulatória, e este Bispo entrou em Coimbra em 22 de Agosto, “no meio de grandes demonstrações de regozijo” (Rodrigues 159), tendo governado a sua diocese até 29 de Agosto de 1779, quando faleceu.

Com a demissão do Marquês de Pombal e a vontade manifestada na “Viradeira” de apagar a sua obra, D. Francisco de Lemos viu-se naturalmente contestado.

O aviso régio de 2 de Outubro de 1775 reconduzira o Reitor Reformador neste cargo por mais três anos, de maneira que, após a morte do rei, lhe competia defender a Reforma da Universidade de Coimbra, e logo em Março de 1777 já se encontrava em Lisboa.

A aclamação de D. Maria I ocorre em 13 de Maio de 1777 e como entretanto D. Francisco de Lemos escutara na Corte

rumores contra a Reforma Pombalina da Universidade, resolve proceder à sua defesa, enquanto a Rainha não ordenasse o contrário.

Assim, em Lisboa durante cerca de seis meses, de Março a Setembro de 1777, D. Francisco de Lemos elaborou dois textos e organizou dois volumes de manuscritos complementares, que agora defendo poderem ser considerados um só livro, “esse livro famoso” nas palavras do dominicano Frei António José da Rocha.

Teófilo Braga (IV) escreve que, no sermão recitado em 22 de Maio de 1822, nas exéquias de D. Francisco de Lemos, Frei António José da Rocha referiu o precioso relatório escrito pelo Bispo Reformador Reitor “narrando a seguinte anedota: Que o Marquez de Ponte de Lima ao entregar ao Reitor Reformador o Principal Castro o valioso relatório lhe dissera: “Leve Vossa Excellencia para a Universidade este livro, que foi quem o salvou da sua ruína”.

Note-se que o aqui mencionado Marquês de Ponte de Lima é o mesmo Visconde de Vila Nova da Cerveira (que em 1790 obteve aquele título e morreu em 1800), a quem, em Setembro de 1777, D. Francisco de Lemos terá entregado os dois volumes para serem presentes à Rainha, como referi atrás no ponto 3 e como aliás, já em 1983, na memória introdutória da publicação do álbum eu sublinhei.

Os inimigos da Reforma Pombalina da Universidade não conseguiram a sua “ruína”, mas conseguiram a destituição de D. Francisco de Lemos do cargo de Reformador Reitor em Outubro de 1779 e a sua substituição pelo Principal Mendonça, a quem em Dezembro de 1785 sucedeu D. Francisco Rafael de Castro, o Principal Castro acima nomeado, que morreu em 1799, quando D. Francisco de Lemos foi Reitor pela segunda vez.

O “livro famoso” de D. Francisco de Lemos, em que se destacam os desenhos de Elsdén, terá sido entregue ao Principal Castro entre 1785 e 1799, e talvez então esta obra tenha ainda contribuído para o regresso de D. Francisco de Lemos às suas funções reitorais. Note-se que em 1785 circulou manuscrito em Coimbra o poema herói-cómico “Reyno da Estupidez”, sátira ao reitor e a alguns lentes da Universidade de Coimbra, atribuído a Francisco de Melo Franco, com colaboração de José Bonifácio de Andrade e Silva, o qual obteve grande êxito.

À procura de mais elementos sobre o acima referido “livro famoso”, li a *Oração Fúnebre* proferida em 1822 pelo Dr. Frei António José da Rocha, lente da Faculdade de Teologia, que evoca que, para defender a Reforma Pombalina, D. Francisco de Lemos usou “esgrimir com denodo armas de todo o genero em defesa e guarda ... Dura ainda hoje esse livro famoso,

superiormente escripto, donde sairão, como de um foco de luz, verdades tão radiantes, argumentos tão victoriosos, que bastarão para confundir, pulverizar n'um momento esses sandeus, que pugnavão por trevas” (Rocha 10). Na Nota 4 da publicação da *Oração Fúnebre*, o autor escreve: “Depois da morte de D. José o novo Ministério pretendeu destruir a Reforma, o que obrigou o Prelado ... a compor e offerecer à Rainha uma extensa Memoria, de que existe cópia entre os seus manuscritos” (Rocha 18). Apenas na Nota 5 se encontra a anedota mencionada por Teófilo Braga, mas o que agora me interessa é que o culto e conhecedor Frei António José da Rocha considera D. Francisco de Lemos ter esgrimido “armas de todo o género” nesse “livro famoso”. Penso que uma “arma” muito eficaz foi a apresentação de desenhos de Elsdén no álbum “Riscos da Obras...”, pois é bem verdade que uma imagem vale mais do que mil palavras e é flagrante a qualidade dos “riscos” do “faustoso volume”.

Em 1822, o Dr. Frei António José da Rocha revela que “dura ainda hoje esse livro famoso”, como vimos.

No entanto, estranhamente, os dois volumes em apreço apareceram mais tarde à venda. Ainda no século XIX, a “Relação Geral...”, tendo o comprador, o português Francisco Ramos Paz, residente no Rio de Janeiro e Governador do Banco do Brasil, dado o manuscrito a conhecer a Teófilo Braga, que o prefaciou, publicou em 1894 e nesse mesmo ano foi intermediário do comprador na oferta do volume ao Arquivo da Universidade de Coimbra. Como pormenorizadamente expliquei na memória introdutória quando em 1983 publiquei o faustoso volume “Riscos das Obras...”, este apareceu à venda em 1916, em Lisboa, com o n.º 4920, num catálogo de Manuel dos Santos, onde é considerado “importante, valiosíssimo e único”, e apesar de estar entretanto referenciado nalgumas publicações e inventariado pelo *Diário do Governo*, II série, n.º 25, de 30 de Janeiro de 1957, manteve-se inédito e por estudar. Quando, em 1980, analisei os azulejos do Museu Nacional de Machado de Castro relativos à Reforma Pombalina que atrás mencionei no ponto 4, consultei o indispensável livro editado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1979 *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, de J. M. dos Santos Simões, onde o autor refere o manuscrito (138, em nota) e que este se encontrava há décadas na sua posse. A partir desta indicação, pus-me em contacto com as herdeiras e pedi para estudar e publicar esse precioso documento, o que prontamente me foi concedido. Assim, em edição do Museu Nacional de Machado de Castro, em 1983, publiquei esse volume na íntegra, com uma memória introdutória, que intitulei “Riscos das Obras da Universidade de Coimbra – o Valioso

Álbum da Reforma Pombalina”.⁶

Abreviadamente, seja-me permitido lembrar umas passagens dessa minha primeira investigação de 1983, pela importância que então já atribuí aos desenhos de William Elsdén:

Qual a complementaridade dos dois volumes de *Relação Geral...* e *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra* (ou, segundo o título do texto, em vez do da capa, *Estabelecimentos fundados...*)?

A *Relação geral...* abarca os diversos problemas da reforma pombalina da Universidade ao longo de 310 páginas e, ao descrever as obras dos estabelecimentos, remete para uns desenhos (cujos números indica), mas não se sabia até agora a quais correspondiam, nem os desenhos eram conhecidos. O volume *Riscos das Obras...* no texto (de 14 páginas) descreve apenas os estabelecimentos e aponta as despesas feitas, e insere (aqui é que reside o enorme interesse) os trinta desenhos referentes a esses estabelecimentos, cuja numeração é exactamente a indicada no manuscrito *Relação geral...* e no manuscrito *Estabelecimentos...* ...

O confronto dos dois manuscritos em análise parece deixar claro que o álbum [*Riscos das Obras...*] – com o texto muito mais reduzido, apenas dedicado aos estabelecimentos (aos edifícios, que mais dificilmente do que os planos de estudos poderiam ser destruídos na «viradeira») e belamente ilustrado – era o volume de mais apetecida e mais leve consulta sobre a importante reforma da Universidade. Sagazmente, disso teve com certeza noção o próprio D. Francisco de Lemos, ao introduzir no texto do álbum as alterações referidas, que lhe dariam maior aceitação junto da Rainha. Este álbum teria tido, assim, grande importância na salvação da Universidade de Coimbra. (Franco, “Riscos das Obras” 7)

Se dúvidas ainda houvesse quanto à simultânea complementaridade dos manuscritos dos dois volumes e a eles constituírem um só livro, bastava o facto acima apontado de, em ambos os volumes, D. Francisco de Lemos, ao referir as obras dos estabelecimentos, remeter para uns desenhos/plantas com a indicação dos respectivos números e esses serem os desenhos na quase totalidade assinados por Elsdén. Estes desenhos inserem-se no volume significativamente identificado na luxuosa capa como “Riscos das Obras...”, enfatizando a importância dos “riscos” de William Elsdén.

⁶ Vide nota 1.

6. Elementos Inéditos sobre a Vida e Actividade de William Elsdén

Descobri agora importantes elementos inéditos sobre William Elsdén, mas para o seu estudo aprofundado muito há a pesquisar, no Reino Unido e sobretudo em Portugal, onde trabalhou cerca de vinte anos em numerosos locais e em diferentes actividades.

Os mapas, mapas cartográficos, plantas, desenhos avulsos ou em álbuns com trabalhos de Elsdén estão muito dispersos por diferentes instituições e localidades, conforme agora ainda melhor descobri.

Mesmo quanto à actividade de Elsdén na Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, a partir de 1772, há numerosos desenhos avulsos e em álbuns, em diferentes locais.

William Elsdén, com funções de engenheiro, arquitecto, lente de Matemática na Academia Militar da Corte em Portugal, parece ser conhecido no Reino Unido como ensamblador, ou marceneiro, em Londres (António Joaquim de Mello in Viterbo 298).

Aliás, na época, a formação dos arquitectos e engenheiros passou por várias vias, começando alguns por ser mestres carpinteiros, como Custódio Vieira ou Manuel Alves Macomboia (Craveiro, *Manuel Alves Macomboia*), o qual em 1773 era mestre carpinteiro das obras públicas em Lisboa, quando vai para Coimbra para as obras da Universidade, e em 1782 assume, com funções de arquitecto, a responsabilidade do gabinete de riscos da Universidade de Coimbra (Anacleto, “O Arquitecto José do Couto e as Igrejas” 200). Alguns outros arquitectos e engenheiros iniciavam a aprendizagem como pedreiros ou directamente através da carreira militar (como aconteceu, por exemplo, com Manuel da Maia), mas estes dois últimos não devem ser os casos do arquitecto que agora mais nos interessa.

Como muitos outros estrangeiros na época atraídos pela capital, Elsdén terá vindo para Portugal (em 1760, ou antes⁷) para trabalhar na reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755, ou talvez no contexto da Guerra dos Sete Anos. Note-se que Manuel da Maia, que interveio na reconstrução de Lisboa logo depois do terramoto, lamentava não conhecer melhor o plano de reconstrução de Londres após o incêndio de 1666.

⁷ Penso que será útil pesquisar a sua actividade, por exemplo, nas obras de Lisboa, designadamente as da Igreja Católica, a cuja fê pertenceria. A sua mulher, Theresa Francisca Maria Elsdén, era “de nação ingleza e catholica romana” (Viterbo, vol.I, 261).

O primeiro documento conhecido que menciona Elsdén (datado de 16 de Janeiro de 1762) (Santos 78), quando é nomeado “Ajudante de infantaria na categoria de Engenheiro”, refere que servia então há quinze meses no exército português. Na agora encontrada Listagem do Corpo de Engenheiros, refere-se que começou a servir, sem ter patente, em 1 de Novembro de 1760.⁸

Revelo também agora a “Relação dos Officiaes Engenheiros distribuídos que se mandaram repartir pelas Províncias”,⁹ sem data, mas talvez de 1762, em que surge, por exemplo, “Carlos Mardel, Coronel em Lisboa, ... Guilherme Elsdén, Ajudante empregado no Arsenal – Lisboa”. Daqui se extrai, por um lado, que Elsdén trabalhava então no Arsenal Real do Exército (actual edifício do Museu Militar, a Santa Apolónia), que em 1760 o rei D. José mandou reconstruir, tendo-se feito Salas de Armas (no andar nobre) e oficinas (nos baixos do edifício), e, por outro lado, constata-se a proximidade de Elsdén a Carlos Mardel, um dos principais arquitectos da reconstrução de Lisboa e particularmente apreciado pelo Marquês de Pombal.

No Arquivo Histórico Militar, no processo individual deste militar, encontrei apenas um documento (de 9 de Abril de 1763¹⁰): “Attendendo aos Serviços que me tem feito Guilherme Elsdén Capitão de Infantaria em exercicio de Engenheiro: Hey por bem fazer lhe merce do Posto de Sargento Mor com o mesmo Exercício de Engin.º, e com soldo dobrado”.

Assim, em 1763, tem posto já de chefia, equivalente a major. No Arquivo Histórico Militar, o documento, de 5 de Julho de 1766, “Resumo dos Mapas das Promoções e Faltas ocorridas na Academia Militar da Corte durante o 1.º semestre de 1766” é assinado pelo “Major Guilherme Elsdén do Corpo dos Engenheiros da Corte”,¹¹ o que o situa já próximo do poder.

Em 23 de Dezembro de 1767, Elsdén é promovido a “tenente-coronel de infantaria com o posto de engenheiro” (Santos 495).

⁸ Arquivo Histórico Militar (A.H.M.), 3-46-1-04, “Listagem do Corpo de Engenheiros” (c. de 1764): “Guilherme Elsdén sentou praça de Ajud.º Enginh.º em 16 de Janr.º de 1762 e S. Mag.º lhe mandou fazer bom o tempo e soldo de pr.º de Nov.º de 1760 em q principiou a Servir sem ter Patente.”

⁹ A.H.M – PT/AHM/Div/3/46/1/02, s.d. [1762?]

¹⁰ A.H.M, Processos individuais dos militares, Caixa 688. Trata-se da cópia, possivelmente contemporânea, do documento original. Este documento está transcrito por Sousa Viterbo, *Dicionário Histórico*, vol. I, 297. Encontrei no A.H.M. (AHM/Div/1/06/34/16) a “Relação dos Officiaes Engenheiros q há registados no serv.º até 11 de Junho de 1767” em que William Elsdén surge entre os Sargentos-mores colocados na Corte, indicando-se que “Tem pat.º de 1.º de Março de 1764” (note-se a data da patente).

¹¹ A.H.M, Documentos relativos a Guilherme Elsdén, 5 Julho, 1766 (Doc. 3.ª Divisão).

Ainda antes de ser Tenente-Coronel (posto que mantém até ao fim da vida), Elsdén assina como Quartel Mestre General do Exército em mapas e desenhos,¹² alguns dos quais executa por ordens do Conde de Lippe, o qual foi em 1762 enviado pelo Governo inglês para Portugal.

Elsden fez muitos e diversificados trabalhos: elaboração de mapas cartográficos militares, que incluem roteiros de estradas, “Observações Trigonómicas “nos lugares de Buenos Aires, Ajuda e Belém (1767), levantamentos das lezírias do Ribatejo (1768-1771), do Pinhal de Leiria (1769), está muito ligado a Alcobaça (o que agora não menciono devido ao estudo com essa temática que agora se publica), dirigiu a planta e levantamento geométrico do aqueduto das Águas Livres de Lisboa (Carvalho, desenho n.º 628) (cujo desenho dedicou a um tal “Mr. Allen of Lisbon from his obed.^t Ser.^t W.^m Elsdén), etc. A dedicatória a “Mr. Allen of Lisbon”, assim como a familiaridade adiante referida com William Stephens mostram a natural inserção de Elsdén na comunidade britânica radicada em Portugal.

O documento essencial, também agora encontrado, sobre a morte de Elsdén ser anterior a 25 de Março de 1779,¹³ ajuda à atribuição de várias obras.

Assim, não me parece, sobretudo pelas datas, mas também pela falta de qualidade do primitivo palácio de Monserrate, que sejam de sua autoria os palácios sintrenses de Seteais e de Monserrate, apesar de concordar com as afinidades estilísticas, respectivamente neoclássicas e neogóticas, estilos que Elsdén tão bem cultivou.

De facto, tem sido considerada a autoria de Elsdén em dois palácios em Sintra, mandados erguer por dois grandes

¹² Existem plantas, desenhos e mapas assinados por Elsdén no Museu Nacional de Machado de Castro, no Arquivo da Universidade de Coimbra, no Ministério da Marinha, na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca da Ajuda, no Instituto Geográfico do Exército, na posse da herdeira do Eng.º Santos Simões (o álbum “Riscos das Obras”, que revelei), na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (conforme Regina Anacleto descobriu), etc.

¹³ A.H.M, Div-4-1-16-31- “Provizões”, folha 12 “Copia da Segunda Provizam para os mesmos Campos de Alfeizerão...”, datada de 25 de Março de 1779: “Os Capitaens Engenheiros Izidoro Paulo Pereira, e Joaquim de Oliveira, que estavam encarregados debaixo do comando do Tenente Coronel do mesmo Corpo Guilherme Elsdén, de darem as direcções necessarias para a abertura do Campo de Alfeizerão, de que tracta o Corregedor de Alcobaça Agostinho José Salazar, pelas ordens, que se expedirão do Erario Regio, por ter falecido o mesmo Tenente Coronel antes de se effectuar o Mappa divizorio do terreno...”

Agradeço à Eng.ª Maria Helena Dias elementos sobre o Arquivo Histórico Militar e o Instituto Geográfico do Exército.

comerciantes lisboetas: Seteais, pelo cônsul holandês Daniel Gildemeester, em 1783 e inaugurado em 1787, em estilo neoclássico (Luckhurst e Silva; Silva), e o vizinho Monserrate pelo huguenote inglês Gerard De Visme, que alugou a propriedade em 1790 e terá aí feito, talvez ainda antes, um palácio neogótico de fraca qualidade (França, *A Arte em Portugal* 174, “Devisme, Monserrate” 37-41; Azevedo 83, 86; Pires 43-55),¹⁴ o qual é pouco depois demolido por William Beckford (Anacleto, *Arquitectura Neomedieval*). É interessante mencionar que o palácio que De Visme, cerca de 1770, mandou erguer em São Domingos de Benfica (Lisboa) (Franco, “Alto dos Moinhos” 54-55),¹⁵ em precursor estilo neoclássico talvez por imposição do proprietário, é da autoria do português Inácio de Oliveira Bernardes.

William Elsdén dirigiu as obras da Universidade de Coimbra entre 1772 e de facto talvez até 1777, quando se terá afastado, naturalmente devido às difíceis condições atrás sumariadas e surgidas após a morte de D. José I.

Como ajudantes mais próximos, Elsdén trouxe para Coimbra os oficiais engenheiros militares Isidoro Paulo Pereira, Teodoro Marques Pereira da Silva, Manuel de Sousa Ramos e Ricardo Franco de Almeida Serra. Curiosamente, D. Francisco de Lemos regista no álbum “Riscos das Obras” apenas os três últimos, tecendo rasgados elogios ao trabalho da equipa. Saliente-se que por quatro Provisões, datadas Coimbra, 15 e 16 de Outubro de 1772, o Marquês de Pombal mandou as obras da Universidade terem “assistência do Tenente Coronel Guilherme Elsdén e do Capitão Izidoro Paulo Pereira, oficiais de Infantaria com exercício de Engenheiros.”

Regina Anacleto indica que Elsdén trouxe para Coimbra como auxiliares subalternos: numa primeira leva, Eusébio Vicente e Manuel Alves Macomboia e, mais tarde, José Carlos Magne e José do Couto Santos Leal (“O Arquitecto José do Couto e as Igrejas” 200).

É interessante os sucessores de Elsdén na direcção do gabinete de riscos da Universidade de Coimbra terem sido, em 1779

¹⁴ José-Augusto França apresenta em *A Arte em Portugal no Século XIX* imagens do possível “castelo antigo” de Monserrate, erguido em 1791 “por arquitecto ignorado (foi construído por um carpinteiro de Falmouth”, dirá Beckford, depreciativamente)”.

¹⁵ Gerard de Visme tinha preocupações culturais e recebeu o pintor francês Antoine Noël que pintou boas perspectivas das suas propriedades. É interessante analisar agora que Inácio de Oliveira Bernardes, que já tinha cerca de 75 anos aquando da construção deste seu palácio, era filho de António de Oliveira Bernardes, o qual trabalhou no vizinho convento de S. Domingos de Benfica. Penso poder-se colocar a hipótese de a artística família Oliveira Bernardes fazer parte das relações culturais de Gerard de Visme.

José Carlos Magne e depois Macomboia e estes (assim como os outros dois referidos auxiliares) não serem militares, conforme agora pesquisei no Arquivo Histórico Militar.

Este facto parece reforçar a minha ideia de que a escolha de Elsdén para a direcção das obras da Universidade de Coimbra não teve a ver sobretudo com a sua ligação militar, mas com a sua competência, e pressentida e confirmada capacidade de adesão a inovadoras estéticas, neoclássica e neogótica. Com sabedoria, Elsdén aplicou nos novos edifícios da Universidade e do Cabido o estilo neoclássico. Em Coimbra, este arquitecto também evidenciou os seus conhecimentos neomedievais no “Prospecto da Frente do Palácio da Universidade” (planta XXIV do álbum “Riscos das Obras...”), adaptando o velho palácio real e demonstrando notável versatilidade.

Apesar de o trabalho de Elsdén nas obras da Universidade ter sido ingente e certamente muito absorvente, entretanto ele teve outras incumbências, além das de Alcobaça: levantamento da planta topográfica do Promontório do Cabo Mondego,¹⁶ obras em Leiria,¹⁷ trabalhos, pelo menos a partir de 1773, nos campos de Alfeizerão,¹⁸ conclusão das obras do Convento de Santa Clara de Coimbra (Vasconcelos, “Provisão de el-rei D. José” 382-385), examinador dos alunos da Academia Militar.¹⁹

Depois da morte de D. José I, em Fevereiro de 1777, com D. Francisco de Lemos em prolongada ausência na capital, Elsdén terá deixado, na prática, a direcção das obras da Universidade e ter-se-á dedicado naturalmente mais, em princípio, a outros afazeres em curso, parecendo que ao de Alfeizerão, onde terá trabalhado até morrer.

¹⁶ A.H.M. Documentos relativos a Guilherme Elsdén, “Carta que vai anexa ao Mapa do Promontório do Cabo do Mondego em 31 de Agosto de 1773, ass. por Guilherme Elsdén, 30 Setembro 1773, Coimbra” (Doc. 4.^a Divisão). (Contém estudo do levantamento topográfico e geológico feito por Elsdén à mina de carvão na costa do monte Mondego).

¹⁷ A.H.M., idem, “Cópia das Ordens que deixo ao Mestre Carpinteiro Joaquim José dos Santos... na obra da foz dos campos da Cidade de Leiria..., 13 de Março 1773 (Doc. da 1.^a Divisão); “Ofício (Minuta) de D. Luís da Cunha Manuel Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, para Guilherme Elsdén sobre o pessoal e materiais necessários para uma obra em execução em Leiria”, 17 Fevereiro 1773 (Doc. 1.^a Divisão).

¹⁸ A.H.M., Div-4-1-16-31, “Primeira e segunda Provisões para os campos da Villa de Alfeizerão, de 12 de Janeiro de 1775 e 25 de Abril de 1778”.

¹⁹ A.H.M. Documentos relativos a Guilherme Elsdén, “Ofício dirigido a D. Luís da Cunha referente à justificação apresentada pelos examinadores dos alunos da Academia Militar, Tenente-Coronel Guilherme Elsdén e Sargento-Mor José Monteiro, pelas faltas aos exames, 12 Julho 1773” (Doc. da Divisão 3.^a).

Por outro lado, encontrei²⁰ um manuscrito de Elsdén, datado de 7 de Abril de 1777, em que ele declara que “tendo ordem da Secretaria de Estado para tirar a planta, configuração, e demarcada (sic) as Terras Moinhola, Landeira, Marateca, seus territórios...”

Já em 1899 Sousa Viterbo (298) divulgara que, por aviso de 27 de Novembro de 1777, Elsdén fora encarregado da melhoria da barra de Aveiro.

Tratava-se de um trabalho muito complexo. Note-se que a Ria de Aveiro estava tão assoreada que chegou mesmo a fechar no século XVII e só reabriu no século XIX. A barra de Aveiro tinha migrado muitos quilómetros para Sul, o que ocasionava numerosos problemas, e o levantamento desta zona por Elsdén foi talvez dos trabalhos mais destacados em que participou directamente ou que coordenou de forma mais longínqua (Dias). No entanto, a comissão a que presidiu não teve resultados, até por Elsdén ter morrido pouco depois.

À procura de mais notícias sobre Elsdén e familiares fui também ao Cemitério Inglês, mas depois de prolongada pesquisa verificou-se que nada lá se encontra, o que talvez se deva ao facto de possivelmente todos eles terem sido católicos, e o cemitério então ser apenas para protestantes.

Coligi mais alguns dados pessoais sobre este engenheiro e arquitecto, alguns obtidos de fontes manuscritas agora encontradas.

William Elsdén era casado com D. Theresa Francisca Maria Elsdén, “de nação inglesa, e catholica romana” (Viterbo, vol.I, 561), a qual em 1766 foi conduzida ao Recolhimento de S. Cristóvão por William Stephens, o fundador da Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande.

Em 1773, Elsdén levou a mulher e a filha (será a filha Francisca Theresa da Conceição?) para Coimbra, enquanto as obras o ocupassem lá. Uma filha (a mesma?) terá tido “escritos de amores” com um amigo do poeta Correia Garção.

Descobri agora que Guilherme Francisco Elsdén²¹ era também seu filho. Este, em 1768, obteve o posto de ajudante de infantaria com exercício de engenheiro e soldo dobrado, e cola-

²⁰ www.ateneulivros.com: “Guilherme Elsdén, Ten.^{te} Cor.^{el} de Infantaria com exercício de Engenheiro e Quartel Mestre General dos Exércitos” (7 Abril 1777). Na internet surge o documento integral.

²¹ A.H.M., 3-46-3-03, “Relação dos Officiaes do Real Corpo de Engenheiros falecidos entre 1768 até 1827”, assinada por Maximiano José da Serra, comandante do Real Corpo de Engenheiros (entre os tenentes-coronéis está Guilherme Elsdén, aparecendo um “Guilherme Elsdén (filho)”.

borava com o pai. É de sublinhar que William Elsdén (pai) tinha obtido igual posto apenas em 1762 (com efeitos retroactivos a 1760), portanto então com uma idade muito superior à do filho, o que implicará uma anterior vida profissional do pai que é ainda quase desconhecida.

Desvenda-se agora melhor a vida e a obra em Portugal deste quase desconhecido, mas notabilíssimo engenheiro e arquitecto inglês, que se destacou nas áreas técnica e artística e trabalhou entre nós cerca de duas décadas. Concluiu-se também melhor que a parte do famoso livro relativa às obras da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, em que sobressaem os desenhos de William Elsdén, teve importante papel na salvação dessa secular instituição, agora classificada Património Mundial da Humanidade.

OBRAS CITADAS

1. Fontes Manuscritas

- “Copia da segunda Provizam para os mesmos Campos de Alfeizerão...”, 25 de Março de 1779. “Provizões.” *Arquivo Histórico Militar*. Folha 12. Div-4-1-16-31..
- “Guilherme Elsdén, Ten.^{te} Cor.^{el} de Infantaria com exercício de Engenheiro e Quartel Mestre General dos Exércitos” (7 Abril 1777). www.ateneulivros.com
- “Listagem de Engenheiros” (c. de 1764). *Arquivo Histórico Militar*. 3-46-1-04.
- “Primeira e segunda Provizões para os campos da Villa de Alfeizerão, de 12 de Janeiro de 1775 e 25 de Abril de 1778”. *Arquivo Histórico Militar*. Div-4-1-16-31.
- “Ofício dirigido a D. Luís da Cunha referente à justificação apresentada pelos examinadores dos alunos da Academia Militar, Tenente-Coronel Guilherme Elsdén e Sargento-Mor José Monteiro, pelas faltas aos exames, 12 Julho 1773.” *Arquivo Histórico Militar*. Documentos Relativos a Guilherme Elsdén. (Doc. da Divisão 3.^a).
- Processos Individuais dos Militares. *Arquivo Histórico Militar*. Caixa 688.
- “Relação dos Officiaes Engenheiros distribuídos que se mandaram repartir pelas Províncias.” *Arquivo Histórico Militar*. PT/AHM/Div/3/46/1/02. [s.d.] [1762?].
- “Relação dos Officiaes Engenheiros que há registados no serv.^o até 11 de Junho de 1767.” *Arquivo Histórico Militar*. AHM/Div/1/06/34/16.
- Elsdén, Guilherme. “Carta que vai anexa ao Mapa do Promontório do Cabo do Mondego em 31 de Agosto de 1773, ass. por Guilherme Elsdén, 30 Setembro 1773, Coimbra.” *Arquivo Histórico Militar*. Documentos

- Relativos a Guilherme Elsdén. (Doc. da 4.^a Divisão).
- “Cópia das Ordens que deixo ao Mestre Carpinteiro Joaquim José dos Santos... na obra da foz dos campos da Cidade de Leiria..., 13 de Março 1773 (Doc. da 1.^a Divisão). *Arquivo Histórico Militar*. Documentos Relativos a Guilherme Elsdén.
- “Ofício (Minuta) de D. Luís da Cunha Manuel Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, para Guilherme Elsdén sobre o pessoal e materiais necessários para uma obra em execução em Leiria”, 17 Fevereiro 1773 (Doc. da 1.^a Divisão). *Arquivo Histórico Militar*. Documentos Relativos a Guilherme Elsdén.
- “Resumo dos Mapas das Promoções e Faltas ocorridas na Academia Militar da Corte durante o 1.^o semestre de 1766.” *Arquivo Histórico Militar*. Documentos Relativos a Guilherme Elsdén. 5 Julho, 1766 (Doc. da 3.^a Divisão).
- Serra, Maximiano José. “Relação dos Officiaes do Real Corpo de Engenheiros Falecidos entre 1768 até 1827.” *Arquivo Histórico Militar*. 3-46-3-03.

2. Fontes Impressas

- Almeida, Manuel Lopes de, e Mário Brandão. *A Universidade de Coimbra. Esboço da sua História*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1937.
- Anacleto, Regina. *Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924*. Tese de Doutoramento. Coimbra, 1992, 2 volumes.
- “O Arquitecto José do Couto e as Igrejas Paroquiais de Midões e de Nogueira do Cravo.” *Beira Alta*. Viseu, volume LXI, fascículos 1 e 2, 1.^o e 2.^o trimestres de 2002. 185-219.
- “O Arquitecto José do Couto em Terras da Beira”. *Barroco. Actas. II Congresso Internacional*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003. 651-661.
- “Universidade de Coimbra: Primeiras Propostas Arquitectónicas da Reforma Pombalina.” *IV Congresso Histórico de Guimarães: Do Absolutismo ao Liberalismo*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2009, vol.V. 11-36.
- Azevedo, José Alfredo da Costa. *Velharias de Sintra*. IV. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1982.
- Berkeley, Alice, e Susan Lowndes. *English Art in Portugal*. [s.l.] Edições Inapa, 1994.
- Braga, Teófilo. “Dom Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade de Coimbra.” Apres. D. Francisco de Lemos. *Relação do Estado da Universidade de Coimbra de 1772 a 1777*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1894.
- Carvalho, Ayres de. *Catálogo de Coleções de Desenhos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1977, desenho n.^o 628.

- Coroado, João, António Pacheco, e Alexandre Nobre Pais. *Cerâmica de Coimbra. Do Século XVI-XX*. [s.l.] Edições Inapa, 2007.
- Craveiro, Maria de Lurdes. “Guilherme Elsdén e a Introdução do Neo-Classicismo em Portugal”. *IV Simpósio Luso-Espanhol de História de Arte. Portugal e Espanha entre a Europa e Além-Mar*. Coimbra: Instituto de História de Arte/Universidade de Coimbra, 1988. 503-519.
- *Manuel Alves Macomboa. Arquitecto da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Instituto de História de Arte/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990.
- Dias, Maria Helena. *Portugalliae Civitates. Perspectivas Cartográficas Militares*. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército, 2008.
- França, José-Augusto. *A Arte em Portugal no Século XIX*. Vol. I. Lisboa: Livraria Bertrand, 1966.
- “Devismo, Monserrate e o Romantismo.” *Contributos para a História de Monserrate. Ciclo de Conferências*. Sintra: Associação Amigos de Monserrate, 2009. 37-41.
- Franco, Matilde Pessoa Figueiredo de Sousa. “Alto dos Moinhos.” *Dicionário da História de Lisboa*. Dir. Francisco Santana e Eduardo Sucena. Lisboa: [s.ed.]1994. 54-55.
- “Da Cerâmica Coimbrã – uns Notáveis Azulejos do Museu Nacional Machado de Castro”. *A Cerâmica em Coimbra*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1982. 53-60.
- *O Programa Coimbra Antiga e a Vivificação dos Centros Históricos Promovido pelo Museu Nacional de Machado de Castro em 1981-1983*. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro, 1983.
- *Quatro Anos na Direcção do Museu Nacional de Machado de Castro*. Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro, 1984.
- “Riscos das Obras da Universidade de Coimbra – o Valioso Álbum da Reforma Pombalina.” *Estabelecimentos Fundados na Universidade de Coimbra por Ordem de S. Majestade que Deos Tem, para as Observações, Experiências, e Demonstrações das Sciencias Naturaes e para a Tipographia Academica; Restabelecimento do Collegio das Artes; e Concertos, Reparos, e Comunicação Interior dos Paços Reaes das Escolas*. Edição fac-similada. Coimbra: Edição do Museu Nacional de Machado de Castro, 1983. 3-8.
- Luckhurst, Gerald, e José Cornélio da Silva. *Sintra. A Paisagem e suas Quintas*. [s.l.] Edições Inapa, 1989.
- Pimentel, António Filipe. “Cidade do Saber/Cidade do Poder. A Arquitectura da Reforma.” *O Marquês de Pombal e a Universidade*. Coord. Ana Cristina Araújo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000.
- Pires, Maria Laura Bettencourt. “William Beckford e Portugal.” *Contributos para a História de Monserrate. Ciclo de Conferências*. Sintra: Associação Amigos de Monserrate, 2009. 43-55.
- Rocha, António José da. *Oração Fúnebre que nas Exequias do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Francisco de Lemos de*

- Faria Pereira Coutinho... *Recitou o Dr. Fr. António José da Rocha, Lente da Faculdade de Theologia, a 24 de Maio de 1822 na Igreja Cathedral de Coimbra.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1822.
- Rodrigues, Manuel Augusto. *A Universidade de Coimbra e os seus Reitores. Para uma História da Instituição.* Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1990.
- Santos, C.H. Madureira dos. "Catálogo dos Decretos do Extinto Conselho de Guerra na Parte não Publicada pelo General Cláudio Chaby." *Boletim do Arquivo Histórico Militar.* III Volume, Ano 1762, Maço 121, Janeiro, N.º 3, Dia 16. Lisboa, 1961. Separata.
- Serrão, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal. O Despotismo Iluminado (1750-1807).* Lisboa: Editorial Verbo, 1982, vol.VI.
- Silva, José Cornélio da. *Palácio de Seteais.* Lisboa: Edições Elo, 1991.
- Simões, J. M.. dos Santos. *Azulejaria em Portugal no Século XVIII.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- Trindade, Luísa. "A Reforma Pombalina." *Dossier da Universidade de Coimbra. Monumentos.* Coimbra: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1998. 52-57.
- Vasconcelos, A. de. "Provisão de El-Rei D. José a D. Francisco de Lemos (23 de Dezembro de 1773)." *Dona Isabel de Aragão (a Rainha Santa).* Reprodução fac-similada da edição de 1891-1894, vol. II. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1993. 382-385.
- Viterbo, Sousa. *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses.* Edição Fac-similada. Lisboa: INCM, 1988 (1ª edição: 1899). 3 volumes.